



super TALENTOS

Para entender o dilema dos superdotados



Como eles são identificados

Editorial

Falar sobre superdotados é um desafio. Um assunto novo, que está ganhando cada vez mais espaço, pois a importância de conhecer bem os portadores de altas capacidades, e de criar a eles estudos adequados, tem vindo à tona no Brasil. Isto tem acontecido principalmente nos últimos anos com os estudos da principal especialista brasileira no tema, Zenita Cunha Guenther.

Quando se fala no assunto, uma das principais dúvidas é “Quem são os superdotados?”. Esta revista traz uma matéria bem detalhada sobre as formas de identificação do aluno superdotado. Ainda há quem ache que eles são identificados por meio de testes de QI (quociente de inteligência), o que é um método ultrapassado. Em estudos recentes, percebeu-se que ser “superdotado” vai muito além da inteligência.

A revista superTALENTOS traz também uma entrevista exclusiva com a Dra. Zenita, que revelou curiosidades e mitos sobre os superdotados e contou como passou a se interessar pelo assunto. Ela tem uma filha portadora de altas capacidades, que foi quem a fez enxergar a importância de ter estudos para o desenvolvimento do talento também de crianças com baixa renda (os seis centros com metodologia de Dra Zenita atendem crianças da rede escolar pública).

Para ilustrar a revista, a superTALENTOS contou com a ajuda do Programa Decolar – Desenvolvimento do Talento, de São José dos Campos. São de lá as crianças superdotadas que enchem de cor e de boas energias as páginas dessa revista. Boa leitura!

SUMÁRIO

Conceitos: O que é superdotação? | 3

Conceitos: Capacidade X Talento e Educação Inclusiva | 4

Programas: Conheça os Cedets | 5

Saiba Mais: NAAH/S e ConBraSD | 8

Boa Vontade: Entenda o trabalho dos voluntários | 9

Entrevista: Conheça mais da especialista Zenita Guenther | 10

Identificação: Será que ele é superdotado? | 12

Relacionamento: A arte da convivência | 18

Cartas: Depoimentos de superdotados do Decolar (foto) | 20

Artigo: O desafio do talento e da capacidade humana | 22

Agradecimentos | 23



Expediente super TALENTOS

A revista superTALENTOS é uma publicação de edição única apresentada como trabalho de conclusão de curso à Univap, no curso de Jornalismo, em 2008.
Repórteres: Flávia Marcondes Ferreira e Kamilla de Souza Barboza | **Fotos:** Divulgação e Flávia Marcondes Ferreira | **Orientação:** Maria D’Arc da Silva Hoyer
| **Co-orientação:** Rosani Barboza e Vânia Braz | **Diagramação:** Paulo Donizetti



O QUE É SUPERDOTAÇÃO?

A superdotação virou um mito na sociedade. Tanto se ouve falar em pessoas superdotadas, mas, afinal, o que é ser superdotado?

O estudo acerca do assunto vem crescendo em vários países. Dessa forma, pela lei da probabilidade sobre pessoas com altas capacidades, ficou definido que de 3% a 5% da população é superdotada.

François Gagné, professor da Universidade de Quebec, no Canadá, é uma das maiores autoridades em educação para dotados e talentosos em todo o mundo. Ele define a pessoa 'dotada' como quem tem pelo menos uma alta capacidade. "Superdotação designa a posse e o uso de capacidades naturais notáveis, chamadas de aptidões, em pelo menos uma capacidade de domínio, a um grau que coloca o indivíduo a, pelo menos, 10% acima da média das pessoas da mesma idade", afirmou.

Os centros de desenvolvimento de talentos do Brasil trabalham com a metodologia da brasileira, também especialista no assunto, Zenita

Guenther. Para ela, o superdotado tem uma ou mais das seguintes altas capacidades: inteligência, criatividade, psicossocial e psicomotor.

Zenita explica que a inteligência tem um conceito diversificado, com suas próprias diferenciações educacionais em termos de inteligência verbal, pensamento abstrato ou capacidade geral, reconhecidas nos contextos escolares como talento acadêmico. A criatividade, segundo ela, é a capacidade criadora, o pensamento criativo. "O talento psicossocial, algumas vezes visto como liderança, apresenta alta capacidade de viver plenamente em grupos, energizar e transferir energia própria para o grupo, encontrar e colocar melhor os problemas, e achar vias de resposta dentro das necessidades e interesses do grupo social", explicou Zenita. E, por último, a psicomotor, indica a capacidade de dominar o próprio corpo, coordenações, músculos, tendões e articulações como, por exemplo, para manejar um bisturi ou um instrumento eletrônico.

GAGNÉ - Recentemente, Gagné definiu seis altas

capacidades. Ele destrinchou a 'psicomotor' em duas e incluiu a capacidade 'perceptível'. Então, para Gagné, quatro dessas capacidades são mentais: intelectual, social, criativa e perceptiva. As outras duas são físicas: muscular, que são os grandes movimentos físicos e capacidades motoras associadas ao controle, e de reflexo. Ambas as capacidades normalmente contribuem para atividades físicas (por exemplo, tênis, beisebol, ginástica).

Segundo ele, é possível observar as capacidades naturais das crianças nas atividades escolares e no dia-a-dia. "Pense na capacidade intelectual. Precisa aprender a ler, falar uma língua estrangeira ou entender novos conceitos matemáticos. A capacidade 'criativa' envolve escrever uma história, compor uma música, desenhar um cartaz atrativo ou brincar com peças de Lego. Note que, na capacidade 'social', as crianças interagem com os colegas de sala, professores e pais. Finalmente, capacidades perceptiva e física orientam as atividades no pátio da escola, nos esportes do bairro, ou artes (dança, escultura)", exemplificou o especialista.



Educação com inclusão

Quando se fala em 'educação para superdotados', fala-se também em 'educação inclusiva'. Especialistas no assunto abominam educação especial para quem tem altas capacidades. Eles afirmam que a melhor solução é o estudo regular e centros de desenvolvimento do talento em outro período.

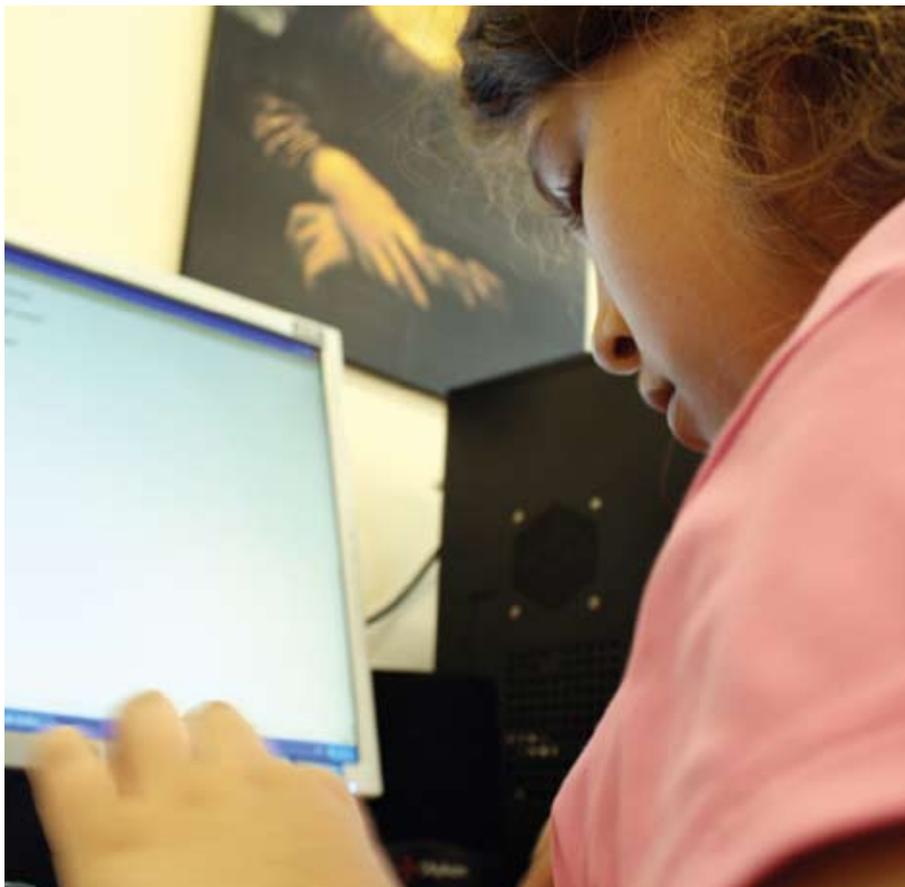
Os especialistas defendem a educação inclusiva para que as crianças não se sintam diferentes por terem altas capacidades. Esta é uma das formas de quem trabalha com essas crianças tratar também do bem-estar psicológico de quem é superdotado.

"Sair da visão de uma cultura discriminatória para uma visão de cultura inclusiva não é tarefa fácil. Entendo a cultura de inclusão não apenas como a 'aceitação da diferença', mas como 'acolhimento da diversidade'. A parte que enriquece o todo", afirmou a psicopedagoga Rosani Barboza.

Para a profissional, a educação é um processo de formação cultural e a qualidade do ensino precisa favorecer a abertura de oportunidade de desenvolvimento pessoal e de cidadania. "O currículo escolar precisa ser amplo e flexível, permitindo que se desenvolvam capacidades individuais e coletivas, enfocando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social", disse Rosani.



CAPACIDADE X TALENTO



'Capacidade' e 'talento' são duas palavras muito utilizadas nos estudos sobre pessoas superdotadas. Porém, ao contrário do que parece, elas não são sinônimos. "Capacidade está enraizada no plano genético e é natural. Talento está enraizado no ambiente; é um desempenho superior, visível, tudo o que você faça bem", explicou Zenita Guenther, fundadora do primeiro centro de estudos para superdotados no Brasil e criadora e coordenadora do curso de especialização à distância em 'Educação Especial para Bem Dotados e Talentosos'.

Segundo Zenita, o que faz o talento é o ambiente. "O talento vai depender da aprendizagem, do ensino, do treino, do estímulo externo. Por exemplo, aqui no Brasil se joga futebol

muito bem, com muitos talentos", disse. Os comportamentos que sinalizam 'capacidade', de acordo com ela, são: curiosidade, aprendizado, concentração, perseverança.

A especialista chama a atenção para o que ela entende como 'erro de tradução'. No inglês, ao falar de pessoas com 'altas capacidades', se fala 'high abilities'. "No meu ver, essa palavra 'habilidades' entrou no nosso vocabulário com uma tradução errada. 'abilities' do inglês, quer dizer 'capacidade', não é 'habilidade'. Mas eles traduziram assim na lei, ficou", ressaltou. Ela explicou que não utiliza o termo 'habilidade' porque habilidade é desenvolvida, e capacidade não. "Infelizmente, isso traz pensamento torto", completou a professora.

Programas de vôo para superdotados

O Brasil possui seis centros de estudos para crianças e adolescentes superdotados. Um deles fica em São José dos Campos, interior de São Paulo. O que ele tem de diferente? É o único totalmente subsidiado pelo poder público. “Ao considerar que estudos estatísticos indicam que 3 a 5% da população mundial têm potencial acima da média e que um dos grandes desafios da educação é oferecer oportunidades para a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos os alunos, promovendo a inclusão, a Secretaria Municipal de Educação optou também pelo atendimento específico dos alunos talentosos”, afirmou a secretária Municipal de Educação, Maria América Teixeira.

Inaugurado em julho de 2007, o Programa Decolar – Desenvolvimento do Talento atende alunos, com capacidade acima da média, do 5º ao 8º anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de São José dos Campos. Atualmente 517 crianças são atendidas, no período contrário ao do estudo regular, em duas unidades: a sul, no Dom Pedro I, e a leste, na Vila Tesouro. Hoje, existem 61 atividades sendo ensinadas às crianças, como, por exemplo, matemática, astronomia, biologia, robótica, mecânica, línguas (inglês, francês, espanhol), criação literária, jornalismo.

Para o prefeito de São José dos Campos, Eduardo Cury, o Decolar é muito mais que um centro para o desenvolvimento do talento. “O Programa Decolar não é só um investimento educacional, ele é sim um investimento social, no sentido de que o talento é desenvolvido e orientado em sintonia com o bem comum, comprometido com valores morais e espirituais”, disse ele.

A metodologia estudada e utilizada para trabalhar com os talentosos do Decolar é da brasileira especialista Zenita Guenther, fundadora do primeiro centro de estudos para dotados no Brasil, o Cedet (Centro de Desenvolvimento do Potencial e Talento), que fica em Lavras, Minas Gerais. (leia texto na página 7) Zenita também é psicóloga, PhD em Psicologia da Educação, criadora e coordenadora do curso de especialização Educação Especial para Bem Dotados e Talentosos e assessora do Decolar. “Sob a coordenação da professora doutora Zenita Guenther, co-



nhecemos uma metodologia com base na educação humanista que implica em estimular o desenvolvimento do potencial e da capacidade pelo enriquecimento de experiências, ampliação de visão de mundo e convivência responsável em clima de respeito e aceitação”, disse Maria América.

METODOLOGIA – O método utilizado para desenvolver os talentos das crianças é o da educação informal, considerado o ideal por especialistas do ramo. “Por que para desenvolver capacidade tem que ser na educação informal? O centro de desenvolvimento me pareceu a melhor resposta justamente porque a diversidade, a profundidade... tudo isso vai depender de cada criança. E é por isso que nós fazemos um plano para cada criança a cada semestre. Não há currículo, não há obrigatoriedade, não há prova, não há conteúdo”, explicou Zenita Guenther.

Nos Cedets espalhados pelo Brasil, após serem observadas e identificadas na escola regular, os alunos são convidados a participarem do cen-

tro de desenvolvimento. Lá, por meio do plano individual, são identificadas as capacidades de cada criança. Então, ela pode escolher fazer atividades na área que tiver interesse. Com o plano individual, semanalmente, as crianças são acompanhadas pelos facilitadores, quando expõem problemas e felicidades escolares e, inclusive, pessoais. Tudo é anotado e trabalhado para o bem-estar físico e emocional de cada criança identificada como superdotada. Os facilitadores acompanham as crianças e os voluntários são pessoas que dominam determinado assunto e dedicam um pouco do seu tempo para ensinarem o que sabem às crianças com altas capacidades. (leia texto na página 9)

PARCERIAS – De acordo com a coordenadora do Decolar, Vera Bittencourt de Carvalho, além dos prédios municipais - onde são realizadas aulas às crianças de pintura, inglês, matemática, entre outros -, o programa conta com parcerias de universidades, clubes e comércios da cidade, onde são realizadas outras atividades. “A gente busca a instituição. Hoje estamos com 12 parceiros que

viabilizam o ensinamento às crianças”, disse. “Entre universidades, eu tenho a Unifesp [Universidade Federal de São Paulo] na área de informática. A Univap [Universidade do Vale do Paraíba] teremos convênio a partir de 2009. Temos o Inpe [Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais], em que as crianças têm astronomia”, exemplificou a coordenadora. Ela citou também o clube Thermas do Vale, para aulas de biologia dentro do zoológico com veterinária e bióloga e as aulas de robótica no Cephas (Centro de Educação Profissional Hélio Augusto de Souza).

AMPLIAÇÃO – A Prefeitura de São José dos Campos já estuda a possibilidade de ampliar o número de alunos atendidos no programa. A secretária de Educação afirma que, levando em consideração a lei da probabilidade relacionada aos superdotados (de que 3% a 5% da população mundial tem capacidade acima da média), só no Ensino Fundamental municipal, há por volta de dois mil alunos talentosos. “Nosso objetivo é atender a todos eles”, ressaltou Maria América.

Eduardo Cury conta que o próximo passo já está planejado. “O projeto deverá ser ampliado na região norte, em espaço a ser definido, para atender alunos daquela região e do centro”, afirmou.

RESULTADO – De acordo com estudos realizados por Zenita, para se obter o desenvolvimento da capacidade humana são necessários de três a cinco anos de atendimento especializado, como há nos Cedets.

No entanto, para a prefeitura, o pouco tempo de Decolar já demonstra diferenças. “Com apenas um ano de trabalho, podemos observar o grande envolvimento das crianças, famílias e comunidade”, disse a secretária de Educação. “Vale ressaltar que o número de voluntários e parceiros envolvidos nesse programa nos leva a acreditar que estamos despertando não só o interesse da criança talentosa, mas da sociedade como um todo”, ressaltou Maria América.



Crianças com altas capacidades durante aulas de matemática no computador



O primeiro programa

O Cedet (Centro de Desenvolvimento de Potencial e Talento) foi fundado em 1993, na cidade mineira de Lavras, por Zenita Guenther.

Hoje, para o funcionamento normal do centro, o Cedet tem o apoio da prefeitura da cidade, mas é mantido também pela comunidade, pelo Rotary Club e por escolas particulares que colaboram cedendo auditórios, locais para prática de esportes, equipamentos etc. "E tem funcionado bem assim", afirmou Zenita. Atualmente, em Lavras são atendidos 850 crianças e adolescentes superdotados. "Lá nós atendemos desde a entra-

da da primeira série até terminar o Ensino Médio, porque no Ensino Superior não há dinheiro, mas algumas crianças ainda precisam", contou a fundadora.

Devido ao sucesso e aos bons resultados do Cedet de Lavras, o programa e a metodologia de Zenita chamaram a atenção de outros municípios. Hoje, de acordo com ela, são seis centros para superdotados em todo o Brasil: Lavras, São José dos Campos, Vitória (Espírito Santo), Palmas (Tocantins), Ipatinga (Minas Gerais) e Sete Lagoas (também em Minas Gerais). Juntos, hoje os seis centros atendem por volta de 1900 superdotados.



■ Saiba Mais

Núcleo e Conselho para Superdotados

A consciência da importância do desenvolvimento do talento dos superdotados cresceu tanto nos últimos anos que foram criados também o Núcleo de Atividade de Altas Habilidades/Superdotação e o Conselho Brasileiro para Superdotação.

NAAH/S: Criado em 2005, resultado de uma parceria entre a Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, a Unesco e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação –FNDE, com a finalidade de implantar o NAAH/

S (Núcleos de Atividades de Altas Habilidades / Superdotação) nos 26 Estados e no Distrito Federal. Os Núcleos devem atender aos alunos superdotados, promover a formação e capacitação dos professores para identificar e atender a esses alunos, oferecer acompanhamento aos pais dessas crianças e à comunidade escolar em geral, no sentido de produzir conhecimentos sobre o tema, disseminar informações e colaborar para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade. Mais informações em www.portal.mec.gov.br/seesp

ConBraSD: Sociedade não-governamental, sem fins lucrativos fundada em 29 de março de 2003. Tem como objetivo a integração dos indivíduos mais capazes e o estímulo de suas potencialidades, de modo a favorecer-lhes a auto-realização e propiciar condições a fim de que se tornem fator de aceleração para a sociedade. Integram atualmente o ConBraSD (Conselho Brasileiro para Superdotação) pessoas, físicas e jurídicas, de vários estados brasileiros. Mais informações em www.conbrasd.com.br

Boa vontade em atividade

Os centros do Brasil de desenvolvimento para alunos superdotados trabalham para que os talentos não sejam desperdiçados. Para que a metodologia de Zenita Guenther seja aplicada corretamente e, assim, tenha bom resultado, os centros contam com um trabalho diferenciado de quem tem boa vontade e disposição para trabalhar com as crianças e os adolescentes com altas capacidades. Além dos facilitadores, os centros contam com os voluntários.

Os voluntários são pessoas que dominam certa disciplina e disponibilizam algum tempo da semana para ensinarem as crianças e os adolescentes interessados na atividade e talentosos para a área. A coordenadora do Decolar, Vera Bittencourt de Carvalho, informou que, atualmente, o programa de São José tem por volta de 30 voluntários nas mais diversas áreas.

“Os facilitadores que buscam os voluntários. Então, eles levantam o plano individual dos alunos e está lá ‘o aluno quer fazer culinária, gastronomia’. Uma conhece um dono de restaurante, ela vai lá e conversa e ele diz ‘vamos fazer’, aí ele dá a aula de gastronomia para a criança. Aí o dono vai e conta pra outro, que se interessa, vem e telefona para a gente. É uma coisa feita em rede”, explicou a coordenadora.

Isso aconteceu com Vanessa Marinho de Carvalho, de 25 anos, que é voluntária do Decolar. Ela dá aulas de inglês, uma vez por semana, para nove crianças superdotadas. Vanessa passou um ano em Londres, na Inglaterra, e voltou há três meses. Há um mês ela está ensinando as crianças. “Eu não conhecia o programa. Quando fui para Londres estava no comecinho. Estou amando”, afirmou Vanessa. Ela contou que queria começar a dar aulas e foi pedir ajuda para uma professora da língua em uma escola de inglês. Lá, a professora falou sobre o programa, ela se interessou, e começou as aulas com as crianças.

Para a voluntária, as crianças realmente têm diferencial. “Eles são super interes-



Crianças em aula de computação com voluntária da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo)

sados, super esforçados. Bem diferente de rede particular, que estão lá porque têm que estar. É outro clima”, disse Vanessa.

O jornalista Edilon Rocha, editor do jornal valeparaibano (um dos maiores meios de comunicação da região do Vale do Paraíba, interior de São Paulo), 41 anos, conheceu o Programa Decolar editando matérias sobre o

assunto e, ao receber o convite para ser voluntário, aceitou na hora. Ele dá aulas de jornalismo a oito crianças, uma vez por semana, há três meses. Ele afirma que está admirado com as altas capacidades das crianças. “Parece que não estou falando com crianças. Para mim, é claro que eles estão acima da média”, disse. O jornalista também acredita que, da sua turma,

futuramente, poderá sair ótimos profissionais da área. “Eles têm o espírito crítico exacerbado. Alguns se destacam até de profissionais, se comunicam muito bem”, ressaltou.

Para ser um voluntário, não é preciso entender a metodologia utilizada e nem saber identificar os alunos. Basta dominar alguma área que tenha alunos interessados, ter boa vontade e um pouco de tempo durante a semana para dar as aulas para os superdotados.

QUER SER VOLUNTÁRIO?

DECOLAR - São José dos Campos, SP
Entrar em contato pelo telefone (12) 3966-8352 ou ir até os seguintes endereços:
Decolar Sul - Av. Adilson José da Cruz, s/nº (continuação da avenida Cidade Jardim, prédio anexo à escola Jane Palumbo), Dom Pedro I
Decolar Leste - R. Vítório Carnevalli, s/nº (prédio anexo à escola Domingos de Macedo Custódio), Vila Tesouro

CEDET - Lavras, MG
Entrar em contato pelos telefones (35) 3822 3033 / 3694 4180 ou pelo e-mail: cedet@uflanet.com.br.
Se preferir, ir até a Rua Átila José Ribeiro, nº 50, Centro



A especialista Zenita Guenther

“Eu olho para trás do meu salto alto dos 70 anos e falo ‘Mas que sorte, né’. Como é que eu tive tanta gente boa e ainda tenho? Como é que a comunidade responde? Eu acho que meu papel foi muito bem aceito”

Zenita Cunha Guenther é psicóloga, mestre em Orientação e Aconselhamento e PhD em Psicologia da Educação pela Universidade da Flórida, EUA, envolvida por vários anos na formação e preparação de professores para todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até a Pós-graduação. Aposentou-se da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) para se dedicar ao estudo do desenvolvimento do talento e capacidade humana, trabalhando ativamente nessa área em todo o Brasil, Estados Unidos e Europa, nomeadamente em Portugal. O catalisador de suas atividades é o Cedet (Centro de Desenvolvimento do Potencial e Talento), que fundou em 1993 em Lavras, Minas Gerais, onde atua como diretora técnica. Escreve e publica intensamente no Brasil e no exterior, faz palestras e conferências em congressos e outros eventos.

O que a família pode observar nos filhos dentro de casa?

Zenita – A família, infelizmente, está muito mal habituada a procurar só a inteligência verbal, que nossa cultura gosta muito. Fala, lê, escreve, diz poesia. Então, essa inteligência verbal ela não é a mais útil para uma grande quan-

tidade de setores da vida. Ela não é útil, por exemplo, pra criar, porque ela é linear demais. Ela não vê contexto. É impossível você falar no contexto. Tem que falar uma palavra de cada vez ou escrever. Então, claro que tem que pensar ali: começo, meio e fim. A inteligência não linear não precisa de começo, meio e fim para pensar. Quando ela olha aquele total, ela vê configurações. E por isso é que vêm as grandes invenções, as grandes relações de uma coisa com a outra no tempo e no estado. Então não adianta muito treinar isso. Nós perguntamos aos professores aqueles meninos que se sobressaem, trabalham bem sozinhos, pensam e tiram conclusões sem explicar por quê. Aprendem com facilidade, não precisa repetir, não precisa rever. Com esses sinais nós vamos localizar onde está a sua capacidade. Então, vou resumir. Você identifica a criança com clareza onde está o seu manancial de capacidade em um ou mais daqueles quatro domínios.

No Decolar são atendidas crianças só das escolas municipais. No Cedet, que a senhora foi fundadora, são todas as escolas?

Zenita – Lá nós conseguimos todas as es-

colas. Aqui é o único do Brasil que o sistema falou ‘vou fazer, com qualidade e pra valer’. Claro, não tem dinheiro pra poder atender uma cidade desse tamanho, a prefeitura não teria recurso. Aqui eu acho que eventualmente nós temos que avançar, porque a criança não é estadual e nem municipal. A criança é criança. Mas o dinheiro é separado assim. A única maneira que é possível a prefeitura explicar isso, é entrando na questão do orçamento. Precisamos de professores e precisamos de competências, precisamos ter uma fonte e um lugarzinho pra eles trabalharem. A comunidade aqui respondeu muito bem também com o conteúdo. Bom conteúdo, bons voluntários trabalhando. É aí que nós temos que fazer o pessoal de prefeitura tomar um pouco de juízo e pensar na educação como um todo e não como o sistema A e B. Eles têm que pensar assim porque o dinheiro vem assim.

Mesmo com esse impasse no atendimento dos superdotados, é positivo ter parceria com prefeitura?

Zenita - Eu tenho milhões de experiências de trabalhar com sistemas municipais. Acho mais próximos das crianças, mais próximos das famílias, mas geralmente têm menos dinheiro.

Eu tenho algumas experiências com o Estado, como o estado do Acre, de Roraima, também lá naquele fim de mundo onde não chega de jeito nenhum nas crianças. Eu não vejo um jeito do sistema estadual se organizar a não ser para dar cursos, palestras, conferências e eventos. Não chegam nas crianças. Os seis Cedets que nós estamos, todos são ligados à prefeitura.

Qual sua avaliação sobre escolas especiais? E qual a diferença de escola especial para o centro de desenvolvimento?

Zenita – A escola especial é boa para desenvolver talentos específicos, mas não capacidades. Então, você vê, escolas de música. Por que para desenvolver capacidade tem que ser na educação informal? No centro de desenvolvimento me pareceu a melhor resposta justamente porque a diversidade, a profundidade... tudo isso vai depender de cada criança. E é por isso que nós fazemos um plano para cada criança a cada semestre. Não há currículo, não há obrigatoriedade, não há prova, não há conteúdo. Todos os conteúdos vão ajudar a desenvolver capacidade se você tiver interesse nele. Não existe escola com currículo regular pra desenvolver capacidade. Em outros países tem escolas especiais, mas todas particulares.

Para educação do todo, para desenvolver a capacidade, a experiência de vida, é a vida de verdade, e a escola especial já é uma vida fantástica, meio de mentira. A diversidade das crianças, das famílias, dos conteúdos dos professores ajudam as crianças a ter muito mais experiência do que ficar num lugar, que só faça os mesmos conteúdos. Cai também a estimulação.

Existem escolas especiais aqui no Brasil?

Zenita – Não, no Brasil não tem graças a Deus. O Cedet é um centro de enriquecimento.

Qual é a sua ligação com a Universidade Federal de Lavras?

Zenita – É formal (risos), com diploma e tudo. Nós criamos esse curso para preparar o pessoal para estar nas equipes centrais, conhecer essa teoria e não errar tanto na entrada com as crianças. Aqui no Brasil, nós temos dois erros ao trabalhar com as crianças. Um, é lazer demais. Então, a criança pequena gosta, quando tem 13 anos ele não quer mais. E o outro é a idéia de que qualquer coisa se desenvolve, então a gente começa a fazer tudo que tem. Tem um bom pianista, todo mundo aprende a tocar piano. Quer dizer, ignora o desejo e o domínio de capacidade da criança. E é isso que nós tentamos corrigir com os centros. Por isso não tem outra saída a não ser o trabalho individualizado.



A escola especial é boa para desenvolver talentos específicos, mas não capacidades.

Então, você vê, escolas de música.

Por que para desenvolver capacidade tem

que ser na educação informal? No centro de desenvolvimento

me pareceu a melhor resposta

justamente porque a diversidade, a profundidade...

tudo isso vai depender de cada criança.



Como surgiu seu interesse pelo tema?

Zenita – Eu sou uma pessoa de muita sorte, porque quando foi no ano de 50, uma grande psicóloga russa, que viveu e morreu aqui no Brasil, ela pensava já em capacidade, em 1929 ela falava que nós precisávamos procurar as pessoas capazes. Então, em 50, ela fez uma campanha no estado de Minas para procurar crianças, jovens (eu tinha 10 anos na ocasião) para trabalhar com educação. Era “Cérebros para Educação”, que chamava. Nessa ocasião, eu fui selecionada. E fui para lá e aprendi. Foi uma escola ótima. Era vivência, você limpava o chão, fazia comida. Tinha uma base muito avançada. Depois disso, eu tomei minha vida normal. Me formei cedo, comecei a trabalhar como professora. Eu fui me bater com essa idéia mais tarde com a minha filha. Nós estávamos nos EUA, meu marido era americano, ele já faleceu, nós moramos lá. Minha filha Luize, hoje é doutora em história econômica, está fazendo uma grande pesquisa em Washington agora, saiu de Oxford direto para lá, fez estágio em Paris. Roda o mundo todo. Hoje já está quarentona (risos)

A sua filha foi considerada superdotada?

Zenita - A minha filha com três anos tinha leitura, claro que eu e meu marido já tínhamos sido universitários, líamos muito. Ele na área de arte, ele era pintor, pintura a óleo. Ela fazia muito bem desenho e ela falava muito bem as duas línguas, português e inglês, porque nós falávamos as duas línguas em casa. Eu comecei a me preocupar porque eu fiquei preocupada com o bilingüismo. Pensei ‘ih, se ela ficar gaga’, essas coisas. E aí foi bom, nós resolvemos esse problema. Então, dessa vez fui eu que procurei. Mais tarde, já morava em Flórida, estava fazendo meu doutorado, e eu recebi em casa, igual a uma mãe comum: ‘Luize foi identificada como uma pessoa que pode ser acelerada, com uma capacidade superior, eu gostaria de falar com os pais’. Aí fui com meu marido lá pra conversar. E eu comecei a ver que pra ela foi melhor quando a escola falou do que quando eu levei. E aquilo ficou, minha filha foi muito bem atendida. Hoje ela tem um doutorado numa área difícil como essa, numa faixa de menos de 30 anos. O livro dela publicado em Londres, pela Oxford, ganhou um dos três prêmios do Melhor Livro Publicado na área em 2004. Uma coisa que o mundo inteiro quer fazer.

E por causa da alta capacidade de sua filha que a senhora resolveu criar um centro de desenvolvimento no Brasil?

Zenita - Eu pensava sempre ‘E se ela tivesse sido criada em Lavras? Até onde ela iria? Teria capacidade? E, se tivesse, como é que ela ia?’. Então, aí, quantas crianças que poderiam estar com a vida linda para contar, produtiva e feliz, estão lá em casa? Ainda mais crianças pobres. Quantas crianças pobres os pais não podem meter numa escola particular e que ficam sempre pensando ‘essa escola não presta e tal?’. Esse foi o trabalho com o qual eu comecei a me interessar. E é por isso que eu procurei os sistemas públicos de educação e não quis fazer uma escola, uma coisa com pais ricos.

Como a senhora se sente com seu trabalho realizado na área?

Zenita – Eu olho para trás do meu salto alto dos 70 anos e falo ‘Mas que sorte, né’. Como é que eu tive tanta gente boa e ainda tenho? Como é que a comunidade responde? No meu ponto de vista, eu acho que meu papel foi muito bem aceito. Eu me esforço, mas quem não se esforça, né? Mas faço com muito gosto, tenho muita produção boa, muita saúde boa, vou para todo lugar, fico no aeroporto horas, brigo com todo mundo que tenho que brigar (risos). Do meu ponto de vista, eu me preocupo um pouco com a continuidade, não pode ficar a coisa sendo idéia de uma pessoa. Então, eu acredito muito, pra deixar tudo anotado nos meus livros.

Será que ele é superdotado?

“A família reconhece melhor precocidade, mas não é capaz de reconhecer capacidade com a mesma clareza. Nós vemos pais que acham os filhos todos capazes, mas quando as crianças saem da fase de precocidade é mais difícil pra família conseguir identificar. Em sala de aula, para o professor, é mais fácil”, de Zenita Guenther

Desde o momento em que começam a frequentar a escola, as crianças são estimuladas a aprender. E uma das primeiras coisas que aprendem é que precisam estudar para terem boas notas e conseguir passar de ano.

Nesse meio tempo a criança vai desenvolvendo seu potencial. Lá no chamado ‘prezinho’ sempre tem aquela menina mais falante, aquele menino que desenha e pinta melhor; depois, no decorrer da vida escolar, aparecem aqueles que aprendem a ler primeiro, que aprendem a tabuada do quatro sem errar, conseguem escrever textos, sabem verbo, equação, jogar vôlei e por aí vai. Essas crianças se destacam dos demais. Impressionam, muitas vezes, por aprenderem sozinhas.

São os chamados “autodidatas”. Sem que a família ou os professores se dêem conta, a criança já aprendeu a mexer no computador, a raciocinar rápido, a ler e a escrever. Surge, então, o questionamento ‘Será que ele é superdotado?’. A criança pode realmente ter altas capacidades – termo mais utilizado em estudos para falar do “superdotado” – porém, é preciso ter cuidado para que não se confunda talento, como ser bom em música, por exemplo, com capacidade elevada. (leia texto na página 4)

Existem estudos e métodos que auxiliam na identificação da criança com altas capacidades, pois nem sempre é fácil entender se alguém é superdotado ou não.

Todas as pessoas podem ser consideradas talentosas dentro do contexto em que estão vivendo. Sempre conhecemos alguém que apresenta um desempenho superior em artes, como pintura, música ou teatro. Provavelmente, essas pessoas sempre tiveram gosto por essas áreas e foram estudar, procurar cursos e grupos que as ajudassem a desenvolver o talento. O professor francês François Gagné, uma das maiores autoridades em educação para dotados e talentosos, explica de forma clara o assunto quando diz que “o talentoso apresenta alto desempenho em alguma área, pois ele estuda para isso”.

Já a pessoa com capacidade elevada – popularmen-

te chamado de superdotado – apresenta características já em seu plano genético. A maioria dos estudos indica o plano genético como o fator mais potente na determinação de características humanas incluindo capacidade e talento. Isso explica pessoas que, desde criança, conseguem tocar um instrumento ou ter raciocínio lógico sozinhas.

“As crianças com capacidade superior trabalham bem sozinhas, pensam e tiram conclusões sem explicar por quê. Aprendem com facilidade, não precisam repetir, não precisam rever. Com esses sinais nós vamos localizar onde está a sua capacidade”, explicou a brasileira especialista Zenita Guenther.

A criança superdotada é fisicamente igual a todas as outras, porém, seu comportamento e características são atributos próprios da faixa etária e do estágio de desenvolvimento em que se encontram. Não são “mini adultos”, mas apresentam, por diversas vezes, comportamento superior ao da sua idade cronológica.

EM CASA - Zenita afirma que a escola é o local ideal para se identificar essas crianças. “Na escola, o coletivo está lá, é o ideal. Em casa, a família, infelizmente, está muito mal habituada a procurar só a inteligência verbal, que nossa cultura gosta muito. A criança fala, lê, escreve, diz poesia”, disse.

De acordo com ela, grandes invenções nasceram de pessoas que não se preocuparam em estudar linearmente, com começo, meio e fim. A inteligência não-linear precisa somente do contexto, onde a pessoa observa o todo e vê possibilidades.

A família nem sempre consegue enxergar isso. Em uma casa com três crianças, por exemplo, uma que se destaque já pode ser considerada pelos pais como superdotada. Muitas vezes, a criança apresenta somente um talento mais perceptível para determinada área, mas os pais não possuem ali, uma boa base para comparação.

“A família reconhece melhor precocidade, mas não é



capaz de reconhecer capacidade com a mesma clareza. Nós vemos pais que acham os filhos todos capazes, mas quando as crianças saem da fase de precocidade é mais difícil pra família conseguir identificar. Em sala de aula, para o professor, é mais fácil”, explicou Zenita.

QI - Muita gente ainda pensa que o teste de QI (Quociente de Inteligência) é a forma mais utilizada para ‘descobrir’ se alguém é superdotado,

o que é um pensamento errôneo.

A professora Zenita esclarece: “O correto é o termo ‘identificar’. Muitas pessoas falam ‘seleção’, ‘descoberta’ e não é bem assim. O professor vai identificar qual é o tipo de capacidade superior”, disse. Segundo a especialista, testes de QI não são os ideais para identificar os superdotados. “Testes de QI podem ser sinais de inteligência, mas quando não estão bons não é sinal de falta de inteligência. Não se deve

identificar capacidade por meio de teste de QI, porque se perde toda a população para a qual as perguntas não se adaptam”, afirmou.

A melhor forma de identificação, segundo ela, é em sala de aula. O professor, por meio de observação direta, coleta dados sobre suas turmas indicando os alunos que se sobressaem nos sinais, comportamentos e indicadores dentro dos diferentes domínios de capacidade. (vide quadro na página 15)

NA ESCOLA - Tudo o que o professor da escola regular observa é anotado na folha de observação. De forma simples, pode-se dizer que ela é uma lista de itens representativos das características encontradas nas crianças dotadas e talentosas. Normalmente a lista fica sobre a mesa e vai sendo preenchida aos poucos. Anota-se as informações à medida que se percebe as respostas. Em duas semanas, é possível que o trabalho esteja terminado com bom grau de confiabilidade.

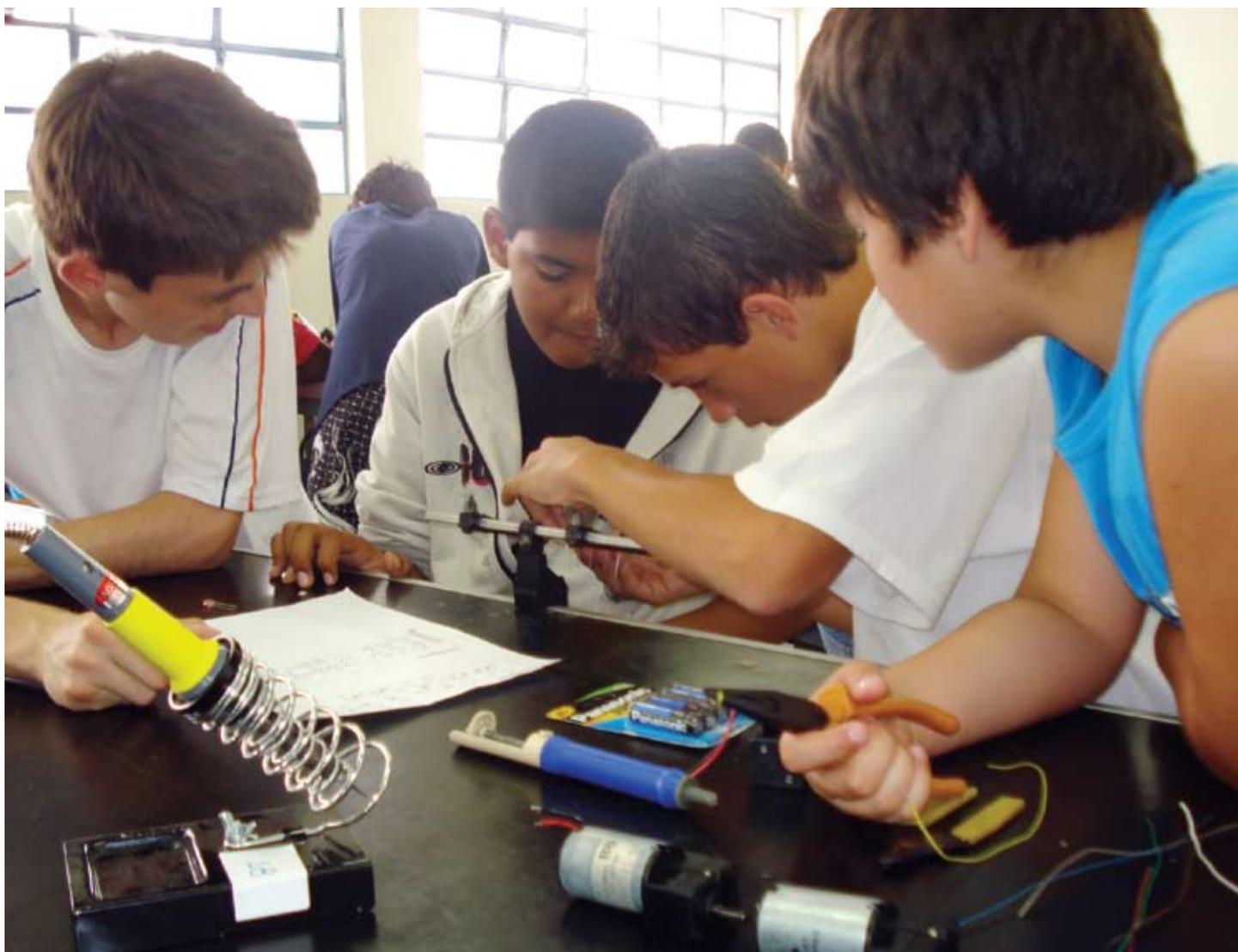
“O professor da escola regular não imagi-

na a importância de seu papel para os centros de desenvolvimento de talento. Queremos do professor a experiência da vivência diária com a criança. Isso é indispensável”, afirmou Luciane Mirela de Souza, facilitadora do Decolar (centro de desenvolvimento de talento de São José dos Campos).

Com as fichas preenchidas, é hora de encaminhá-las para a equipe de direção da escola. Essa equipe vai avaliar a lista de alunos que apresentam sinais de talento sob outro olhar. Ela vai analisar as histórias de vida das crianças,

os dados registrados pelas escolas regulares, enfim, toda e qualquer observação que se tenha sobre o aluno. Essa parte finaliza o trabalho da escola. Identificadas as crianças, começa o trabalho nos Cedets.

NO CENTRO - A primeira coisa que a criança faz quando começa a frequentar um centro de desenvolvimento de talento é decidir o que quer aprender. Cada criança terá seu facilitador - professor que vai acompanhar e avaliar todo seu desempenho – (veja texto a seguir) e, junto



a ele, montará seu plano individual para decidir o que quer trabalhar nos próximos seis meses. "O plano individual não é feito para o aluno. É feito COM o aluno", ressaltou Zenita.

Por meio de conversa informal, o facilitador vai conhecendo a criança e descobrindo as áreas pelas quais ela mais se interessa, áreas que há curiosidade, coisas que a crian-

ça gosta ou não de fazer, e assim chegam juntos a um acordo sobre o planejamento de trabalho. Em sua maioria, as atividades escolhidas pelas crianças coincidem com os domínios de capacidade identificados no primeiro momento da observação, segundo a especialista Zenita.

Na metodologia dela, que é utilizada nos Cedets de todo o Brasil, há algumas questões necessárias para o preenchimento do plano

individual. A primeira delas, de acordo com Zenita, são os interesses e preferências. Para que a criança tenha gosto do que está fazendo, o plano individual precisa ter atividades que deem prazer. É nessa parte do projeto de trabalho que se dá mais atenção ao que a criança tem curiosidade e ao que mais gosta de fazer.

Outra questão é o que há necessidade de ser observado. Essa parte do plano individual direcio-

na a situação que o aluno é orientado a enfrentar, não necessariamente por escolha, mas porque é preciso aprender, melhorar ou corrigir. Pode-se dizer que a criança é estimulada a estudar o que não tem tanto interesse. Como, por exemplo, estudar gramática, se gosta de literatura, mas não se sente à vontade para escrever.

A última questão, que é uma parte opcional do plano individual, aparece mais no trabalho com adolescentes: focalizar aspectos de si próprio. Trata-se de um trabalho de orientação feito pelo facilitador, onde o aluno expõe um problema, como discutir muito com o irmão, por exemplo, e o facilitador procura conversar e ajudar.

Terminados os passos de formação do plano individual, os facilitadores se reúnem e estudam o conteúdo geral do que foi pensado. Quando apenas um ou outro aluno se interessa por determinado assunto, as atividades para eles acontecem de forma individual. Muitas vezes, os alunos é que

Domínios de capacidade	Características
Inteligência e capacidade intelectual	<ul style="list-style-type: none"> - Pensamento analítico linear, verbal, senso de observação, indução, dedução - Pensamento espacial não linear, estabelecimento de relações não seqüenciais - Funções mentais, como memória, julgamento, metacognição
Criatividade e pensamento criador	<ul style="list-style-type: none"> - Inventividade na colocação e solução de problemas - Imaginação, pensamento intuitivo - Originalidade em ações e idéias - Evocação fluente, em redes inter-relacionadas - Invenção, criação, novidade
Capacidade socioafetiva e interpessoal	<ul style="list-style-type: none"> - Liderança, energia pessoal, persuasão - Maturidade e características interpretadas como "inteligência emocional" - Relações humanas, interação, boa convivência grupal
Habilidades sensório-motoras	<ul style="list-style-type: none"> - Extraordinária percepção sensorial, visual, tátil, auditiva, olfativa, gustativa, bem como de sensações internas, quinestésicas, de dor, temperatura e visceral. - Força, resistência física, precisão de reflexos, extraordinária coordenação motora, notável controle da mente sobre funções do sistema muscular e ósseo, talento esportivo com elevado desempenho físico-motor

Fonte: Desenvolver Capacidades e Talentos – Um conceito de Inclusão. Zenita Guenther. Páginas 35 a 41.

vão até onde os voluntários estão para terem aulas.

Mas, quando um grupo de cinco ou mais crianças se interessa por um mesmo assunto, é criado um 'grupo de interesse'. As crianças desse grupo terão aulas semanais no período contrário ao da escola. Dentro de cada plano e

necessidade, as crianças podem ter aulas que vão desde inglês, pintura, desenho e francês até astronomia, mecânica e violão. Tudo vai depender do interesse da criança e do surgimento de voluntários para ministrar essas aulas. (leia texto na página 9)

Conforme o trabalho vai sendo realizado, o

facilitador se encontra com seu aluno semanalmente para conversar sobre o seu desenvolvimento e impressões sobre a escola e as atividades realizadas no centro de desenvolvimento. Tudo isso vai para uma 'ficha acumulativa', onde são documentadas as impressões do facilitador.





Facilitador de talentos

Quem guia essas crianças nos centros pelos caminhos da descoberta da capacidade e do desenvolvimento do talento são os 'facilitadores'. Eles são os responsáveis pela elaboração do plano individual do aluno, de acordo com os talentos que a criança apresenta. Para isso, eles se encontram semanalmente com seus atendidos e, além de identificarem as altas capacidades, ficam sabendo tudo o que se passa na vida da criança. "Nós fazemos também um trabalho de valores com as crianças. A gente conhece, conversa, tudo o que ele faz incluindo a vida familiar e escolar, e aconselha", explicou a facilitadora do Decolar Luciane Mi-rela de Souza.

Além do encontro semanal, cabe ao facilitador a procura pelos voluntários para aplicarem as atividades de interesse dos alunos atendidos. "Os facilitadores são os que fazem a diferença. Eles buscam. Então eles levantam o plano individual dos alunos e vai atrás para arrumar um voluntário naquela atividade", afirmou Vera Bittencourt de Carvalho, coordenadora do Decolar.

Mas, ser facilitador, não é simples. Além de já serem professores efetivos da rede municipal de ensino interessados pelo assunto, eles fazem o curso de pós-graduação em Lavras, Educação Especial para Bem Dotados e Talentosos, na Ufla (Universidade Federal de Lavras), Minas Gerais. Segundo Vera, cada facilitador tem de 60 a 80 alunos, como prevê a metodologia. O Programa Decolar possui sete facilitadores no total (quatro na região leste e três na sul), segundo Vera.

Dicas

O mais importante no processo de enriquecimento educativo é planejar e acompanhar o desenvolvimento das atividades. No trabalho nos Cedets não seria diferente. Em seu livro *Desenvolver Capacidade e Talento – Um conceito de Inclusão*, a professora Zenita dá a dica:

- ▶ Planeje as atividades COM o aluno, e nunca PARA ele;
 - ▶ Acompanhe de perto, pelo menos semanalmente;
 - ▶ Avalie em períodos curtos, de no máximo um mês.
- Um plano individual de trabalho é uma estratégia muito utilizada em Educação Especial para talentosos e tem se mostrado um bom método pedagógico.

A ARTE DA CONVIVÊNCIA

“Essas crianças têm mais assunto. É natural que elas queiram a companhia de pessoas mais velhas e, muitas vezes, se queixem para os pais de não terem muitos amiguinhos na escola. Mas são fases”, da psicóloga Arina Maia

Relacionar-se é, por definição, necessário. A gente cresce aprendendo que tem que manter uma relação de amizade, companheirismo, solidariedade e respeito com os que estão à nossa volta. É uma espécie de regra para uma vida saudável.

Mas, e quando somos crianças? Quem consegue se lembrar do relacionamento que tinha com seus amigos na primeira série? Nem sempre nos lembramos, mas muito de nossa personalidade hoje é reflexo de fatos ocorridos na infância.

Quando se fala da criança superdotada, muitos acham que essas crianças têm fortes problemas de relacionamento com os colegas e passam por constantes problemas de autoconhecimento. A professora Zenita Guenther, especialista no assunto, esclarece que isso não pode ser generalizado. “Geralmente é minoria que passa por problemas psicológicos e, na idade em que estão [dos 10 aos 17], ainda há a sensibilidade da adolescência. Na verdade, as pessoas capazes têm mais saúde psicológica que a média da população. Se dão mais fácil com mudança de emprego, com perda de dinheiro, com divórcios, vivem mais e produzem mais”, explicou.

Porém, psicólogos afirmam que alguns superdotados passam por dificuldades no re-

lacionamento social. Muitas vezes procuram a companhia de pessoas mais velhas, na tentativa de encontrar parceiros com o mesmo nível intelectual ou o mesmo tipo de interesses.

“Essas crianças têm mais assunto. É natural que elas queiram a companhia de pessoas mais velhas e, muitas vezes, se queixem para os pais de não terem muitos amiguinhos na escola. Mas são fases”, disse a psicóloga Arina Maia.

O mal entendido pode acontecer porque crianças superdotadas se desenvolvem mais rápido por natureza e, muitas vezes, preferem atividades individuais na escola. Trabalhar sozinhas pode ser uma necessidade delas, não um problema. Maria Clara Sodré S. Gama, doutora em Educação pela Columbia University, afirma que crianças superdotadas têm um potencial muito acima das outras crianças na área do conhecimento acadêmico, porque têm interesses que não interessam a crianças de sua idade. Isso acontece muito quando eles são pequenos. Aos poucos, eles vão aprendendo a se relacionar.

Algumas crianças precisam de um acompanhamento profissional. E por que não? Ao se destacar no grupo, a criança superdotada pode ser admirada ou ignorada. São dois pontos distintos.

Normalmente as crianças lidam bem com



isso, pois é raro uma criança superdotada ser completamente talentosa nos quatro domínios de capacidade. (veja quadro na página 15) Sendo assim, ela sempre vai ter a vontade e a curiosidade de aprender com o outro. “Você vê que os problemas psicológicos que acontecem com as crianças capazes são todos originados ou mantidos por adultos, principalmente vaidade ou rejeição.

A família é que começa ‘esse é o meu orgulho’ e os outros filhos pensam ‘por que ele é orgulho e eu não sou?’. A família tem que ser ajudada, porque a criança não se sente superior naturalmente”, explicou Zenita.

Geralmente a escola mantém contato com os pais para informá-los e questioná-los sobre a vida escolar de seus filhos. A partir dessa ligação já existente, os centros de desenvolvimento de talentos realizam suas atividades com a família.

“A família, como com qualquer criança, precisa estar presente. Os pais de um superdotado precisam ser claros com seu filho, explicando que ele tem um talento especial, mas que não é melhor do que os outros. É importante ressaltar que no grupo social é a diversidade de talentos que traz a diversão e o desenvolvimento e que cada pessoa tem uma contribuição valiosa a dar”, afirmou Maria Clara.



Cuidado à vaidade dos pais

Para a especialista Zenita Guenther, o relacionamento das crianças superdotadas com outras crianças é prejudicado principalmente quando os pais têm vaidade sobre a alta capacidade do filho. “O pai sente que o filho é superior porque é capaz e tem vaidade da capacidade dele. Com isso, ele faz da criança mais do que as outras crianças ou mais até que os outros próprios filhos”, ressaltou.

Segundo Zenita, desta forma, a criança pode herdar a vaidade dos pais e assim ter problemas de relacionamento. Ela alerta que os pais devem ver a dotação do filho com normalidade.

Eu no Decolar

“Antes do Programa entrar em minha vida eu não imaginava que era bem dotada, para mim isso era coisa de outro mundo, mas quando fiquei sabendo que era fiquei orgulhosa de mim mesma mas não deixei que isso subisse à cabeça”



“Foi incrível ter entrado no Decolar! Tudo começou com a indicação dos professores de minha escola, depois com a observação assistida dos alunos indicados e finalmente com a entrada de alguns alunos da minha escola no Programa, inclusive a minha.

Então, comecei a ter um acompanhamento com minha facilitadora e coordenadora do Decolar, Vera, onde ela me explicou tudo sobre o Programa e até hoje acompanha minha vida escolar e pessoal e me dá orientações.

Depois de alguns meses conversando com minha facilitadora, eu comecei a fazer os cursos que havia escolhido de acordo com meu interesse e com a ajuda dela no Decolar.

Antes do Programa entrar em minha vida eu não imaginava que era bem dotada, para mim isso era coisa de outro mundo, mas quando fiquei sabendo que era fiquei orgulhosa de mim mesma mas não deixei que isso subisse à cabeça.

Para mim, a parte mais difícil de tudo isso é enfrentar o preconceito dos colegas. Muitos deles não entendem que sou normal e inventam apelidos, fazem brincadeiras ou então ficam perto de mim com algum interesse. Ainda bem que nem todos são assim! Antes essas coisas me deixavam triste, mas hoje em dia, com a orientação da Verinha e com o apoio de minha família, consigo lidar melhor com essas situações.

É ótimo estar no Decolar, mas tenho consciência de que não sou melhor do que ninguém, apenas tenho alguns talentos que precisam ser desenvolvidos.”

*Leticia Basílio, 13 anos
Altas capacidades: inteligência,
criatividade, psicossocial*

Sonhos e o Decolar

“Há um pouco menos de dois anos eu era apenas um menino dedicado as aulas e que levava a escola a sério, só isso, e eu tinha tantas curiosidades e vontades! Eu mesmo reconhecia que tinha um mundo imenso lá fora, mas que eu não podia explorar”

“O que será que eu tenho para falar do Decolar? Será que é só que ele mudou a minha vida? Claro que não!”

Há um pouco menos de dois anos eu era apenas um menino dedicado as aulas e que levava a escola a sério, só isso, e eu tinha tantas curiosidades e as vontades então! Eram muitas e imensas, eu mesmo reconhecia que tinha um mundo imenso lá fora, mas que eu não podia explorar, não por falta de querer, porque se fosse só querer este seria um mundo maravilhoso, mas sim porque não conseguia, e eu ficava todas as tardes sozinho em casa só pensando: Como será que eu consigo? Quem pode me ajudar? Na verdade, vivi isso durante uns três anos! Parecia que quanto mais eu pensava, mais eu me distanciava deste sonho. Vamos se falar que eu sou uma pessoa não habituada a sorrisos, nem que demonstre sua alegria...

Como tudo aconteceu “às escondidas”, foi uma completa surpresa saber que eu estava no Decolar. Mas, afinal, o que era o Decolar? Eu não havia entendido praticamente nada e não sabia o que fazer, com o tempo, eu fui entendendo o que ele realmente era.

Se você acha que é só um lugar para ocupar seu tempo, está perdendo tempo achando o errado, confesso que um tempo atrás já pensei isto, mas não é, o Decolar é um lugar onde você exercita as suas habilidades, ou até descobre elas, e isto é coisa séria, porque ninguém como os que trabalham no Decolar, para desenvolvê-lo, ou os voluntários, que querem nos ajudar, fazem isto apenas para pura diversão nossa.

Hoje descobri muitos como eu que também participam do Decolar, tanto alunos como os voluntários e funcionários, e para quem acha que sonhos não se realizam, ou que não querem se iludir achando que o que querem nunca vai acontecer, eu sou o exemplo que diz que isso simplesmente acontece.”

*José Alan de Souza Rodrigues, 13 anos
Altas capacidades: inteligência, criatividade, psicossocial*

Talento e capacidade humana - o desafio

Capacidade e talento realmente existem, em dimensões, expressões e manifestações diferenciadas e amplamente diversificadas. Essa afirmação não é contestada, embora em situações compreendidas como “erro fundamental de atribuição de causas” possa haver dificuldade, no grupo de pares e contemporâneos, em reconhecer sucesso como sinal de capacidade. Nesse contexto, potencial e talento ficam ignorados, apesar da esperança que a humanidade deposita no talento humano, como a maior força em potencial para a melhoria da humanidade e aperfeiçoamento da qualidade da vida neste planeta.

Define-se como “dotação” ou “capacidade elevada” a configuração estabelecida por acaso no plano genético que contém predisposições e disposições geradoras de maior potencial em um ou mais domínios de capacidade. Como capacidade natural pode ser desenvolvida durante a vida, por vias não intencionais, experiências vividas e educação informal, captada no ambiente. “Talento” refere-se a desempenho notável, superior em qualidade e quantidade, em alguma área de ação, atividade diferenciada no ambiente.

Origem: Forças Genéticas ou ambientais?

Existe forte associação entre capacidade e configuração genética, chegando a índices tão altos como 70% (Plomin, et al., 1994; Bouchard, 1997, citados em Freeman e Guenther, 2000). Contudo predisposições genéticas provavelmente não produzem “talento” como desempenho superior sem um conjunto de influências, situações e rede de interações ativas no ambiente, em diferentes fases da vida.

A evidência acumulada pelo crescente corpo de pesquisa na área, (veja em Freeman e Guenther, 2000), demonstra presença de talento em todos os grupos sociais, raças, e povos, em todas as histórias e todas as geografias, captável através de produção diferenciada em um ou mais dos quatro Domínios:

1. Inteligência e capacidade intelectual
2. Criatividade e pensamento criador
3. Capacidade sócio-afetiva e intra-pessoal
4. Habilidades sensório-motoras

Domínio Da Inteligência

A noção de capacidade intelectual inclui habilidades mentais como pensamento analítico e senso de observação (indução, dedução, ...); pensamento verbal (linear); espacial (não linear); estabelecimento de relações; memória, julgamento, meta-cognição.

Nos últimos 20 anos vemos o conceito de inteligência avançando e aprofundando as diferenciações: Gardner (1983) desafia a noção de Fator G, com sua teoria das “Inteligências Múltiplas”; Sternberg autor da Teoria Triárquica (analítica, criativa e práti-

ca), ao aprofundar o conceito vai agregando outras dimensões, e em 2004, define inteligência superior e dotação como resultado da interação de quatro fatores: sabedoria(wisdom), Inteligência, Criatividade e uma Síntese dessas e outras características pessoais. Sob outro ângulo, Goleman (1994) identifica Inteligência Emocional em oposição à Inteligência Racional. Helena Antipoff desde 1946 afirma que “A inteligência, encarada no seu todo, não pode ser separada da personalidade total”, e em 1971 comentando os estudos de Terman: “Não há nenhuma prova contrária à existência de bem dotados no meio rural...” e por implicação, nas classes pobres e desprivilegiadas, hoje um fato tacitamente aceito.

Domínio da Criatividade

A noção de criatividade inclui inventividade ao enfrentar problemas; imaginação, pensamento intuitivo; originalidade em ações e idéias; evocação fluente em redes e blocos de idéias inter-relacionadas; invenção, criação, novidade. Guilford considera criatividade como uma dimensão da inteligência, uma vez que não existe pensamento criativo sem uma base de inteligência, e nem capacidade intelectual notável, sem traços de criatividade. Associam-se à criatividade: produção original literária, científica ou artística, preferência pelo pensamento holístico, percepção, intuição, originalidade e fluência de ações e idéias, elevado senso crítico e autocrítica.

Domínio Sócio – afetivo

Essa área de capacidade humana, ainda limitada na especificidade de conceituação, geralmente agrupa aptidões e traços associados com liderança, energia pessoal, persuasão sob um ângulo; e relações humanas, interação, convivência grupal, e características interpretadas às vezes como “inteligência emocional” sob outro.

Domínio sensório-motor

No domínio sensório-motor identificam-se raízes específicas para cada conjunto de capacidades na área **sensorial** (extra-ordinária capacidade visual, auditiva, olfativa) e **Motora**, (notável força, resistência física, precisão de reflexos, coordenação viso-motora, auditivo-motora, etc.). São capacidades facilmente identificáveis, por traços de habilidades sensório-motoras, boa coordenação motora, notável controle da mente sobre funções do sistema muscular e ósseo, talento esportivo e elevado desempenho físico- motor.

Agradecimentos

Para que esse Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Jornalismo se tornasse realidade, tivemos a ajuda e a participação de pessoas imprescindíveis, e vão para essas pessoas os nossos agradecimentos.

Obrigada às nossas famílias e namorado (da Flávia) pelo apoio incondicional e pela compreensão, à Dra Zenita Guenther (por toda atenção e respeito e pela tão vasta bibliografia sobre o tema), Joan Freeman e Françoyz Gagné (For your studies and all attention that you gave us. Thanks!), Professor Vêteriano Miura (pelo apoio e compreensão), Vera Costa e toda equipe do Decolar (por ter nos recebido de braços abertos), às crianças Leticia, José Allan e Leonardo (por nos deixar conhecer um pouco de suas vidas), à secretária Municipal de Educação e ao prefeito Municipal de São José dos Campos (pela colaboração e respeito).

Por fim, um agradecimento especial à nossa orientadora, Maria D'Arco da Silva Hoyer, e às nossas co-orientadoras, Rosani Barboza e Vânia Braz. Vocês estiveram presentes e acreditaram em nosso trabalho. Seremos sempre muito gratas.

E claro, não poderia faltar... Ele! Obrigada meu Deus! Nós conseguimos!

Flávia Marcondes Ferreira e Kamilla de Souza Barboza



Ricardo Ribeiro

8º ano C

Minha História no Decolar

